



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Relatório final de Estágio realizado na Escola Básica 2, 3 Gaspar Correia, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Prof. doutor António José Mendes Rodrigues

Júri:

Presidente

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, professor associado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa;

Vogais:

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa;

Licenciado Luís Manuel de Almeida Duarte, especialista em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Daniela Filipa Santos de Almeida



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Relatório final de Estágio realizado na Escola Básica 2, 3 Gaspar Correia, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Este relatório foi produzido com base na experiência do Estágio Pedagógico em Educação Física desenvolvido na Escola Básica 2, 3 Gaspar Correia, sob a supervisão de Professor Doutor António José Mendes Rodrigues e do Mestre Luís Almeida Duarte, no ano letivo de 2017/2018.

Orientador: Professor Doutor António José Mendes Rodrigues

Júri:

Presidente:

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, professor associado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Licenciado Luís Manuel de Almeida Duarte, especialista em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Daniela Filipa Santos de Almeida

2019

“Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.”

Mahatma Gandhi

AGRADECIMENTOS

O meu mais sincero, obrigada,

Em primeiro lugar, aos meus pais e avós, sem eles nada disto era possível, pelo apoio prestado, pelo amor e carinho, e principalmente por acreditarem sempre em mim.

À minha querida amiga Marina Lopes, pelo exemplo de pessoa que é, e por todos os dias insistir comigo para não desistir dos meus objetivos.

Aos professores orientadores de escola e faculdade, Professor Luís Duarte e Professor Doutor António Rodrigues, pela partilha de experiências e conhecimento, pelo apoio e pela paciência durante todo este processo.

À minha colega de estágio, Leonor Albuquerque, pela colaboração, respeito, e capacidade de trabalho que possibilitou que este ano se realizasse de forma respeitosa e tranquila.

A todos os professores da Escola Básica Gaspar Correia, em especial à Professora Susana Machado, à Professora Filipa Esteves, à Professora Isabel Trole, à Professora Sandra que sempre me acompanharam e ajudaram, tratando me como igual.

Às funcionárias, D^a. Cristina pelo ambiente, pela simpatia e pelo auxílio constante naquele que foi o meu “local de trabalho” durante um ano. À D^a. Maria José, e que olhe sempre por mim lá de cima, como o fez durante todo o ano letivo, de estágio, com o seu humor excecional, nunca a irei esquecer.

A todos os meus alunos, do 9^o2^a, do 11^oJ e principalmente do 8^o1^a, sem eles nada disto teria sido possível, e pelo desafio que me proporcionaram, de maneira a evoluir.

Por fim, a todos os meus amigos, que fazem parte da minha vida, e a tornam melhor, sem dúvida sem eles não seria a pessoa que sou hoje.

RESUMO

O presente relatório teve como objetivo refletir sobre o processo de formação relativo ao Estágio Pedagógico (EP) em Educação Física (EF), realizado na Escola Básica Gaspar Correia (EBGC) do Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide (AEPM) no ano letivo 2017/2018. Este EP decorreu sob a supervisão de dois Professores orientadores, um que leciona na escola onde foi realizado o estágio e outro na Faculdade de Motricidade Humana. Este mesmo EP permitiu a descoberta e a tomada de consciência das dificuldades do processo de ensino-aprendizagem e permitiu a aquisição das competências necessárias para ultrapassar algumas delas.

Neste documento apresenta-se a análise de todo o EP, onde se efetuou uma descrição das atividades realizadas no mesmo, com base em todas as áreas e subáreas, sendo refletidas e fundamentadas todas as decisões e estratégias adotadas. É importante também referir os aspetos em que o EP contribuiu tanto para a minha formação pessoal, como para uma visão do futuro profissional. Este relatório é então, uma base de dados dos meus pontos fortes e fracos, dos objetivos que consegui alcançar e do que ainda falta dentro de cada área do EP.

Palavras-chave: Educação Física; Estágio Pedagógico; Professor; Ensino-aprendizagem; Escola; Reflexão; Estratégias; Dificuldades; Progressão Pessoal; Dinâmica

ABSTRAC

The purpose of this report was to reflect on the training process related to *Practicum* in Physical Education, held at the Gaspar Correia Basic School of Portela and Moscavide School Group in 2017/2018. The *Practicum* was supervised by two supervisors, one from the school and one from Faculdade de Motricidade Humana. This same *Practicum* allowed me to discover and become more aware of the difficulties of the teaching-learning process and has also allowed me to acquire the necessary skills to overcome some of them.

This document presents the analysis carried out on the whole *Practicum*. A description of the activities carried out was made, based on all the areas and subareas, and all the decisions and strategies adopted were justified and thought over. It is also important to mention the aspects in which *Practicum* contributed to my personal training, and to a vision of my professional future. Therefore, this report is a database of my strengths and weaknesses, mentioning the objectives I achieved and what is still missing within each area of *Practicum*.

Keywords: Physical Education; *Practicum*; Teacher; Teaching-learning; School; Reflection; Strategies; Difficulties; Personal Progression; Dinamic

LISTA DE ABREVIATURAS

AEPM	Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide
AF	Avaliação Formativa
AI	Avaliação Inicial
CERCI	Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas
CP	Conselho Pedagógico
CT	Conselho de Turma
DE	Desporto Escolar
DEF	Departamento de Educação Física
DT	Diretora de Turma
EBGC	Escola Básica 2, 3 Gaspar Correia
EE	Encarregados de Educação
EEFM	Expressão e Educação Físico-Motora
EF	Educação Física
FMH	Faculdade de Motricidade Humana
JI	Jardim Infantil
NE	Núcleo de Estágio
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OE	Orientador de Escola
OF	Orientador de Faculdade
PAA	Plano Anual de Atividades
PAI	Protocolo de Avaliação Inicial
PAT	Plano Anual de Turma
PCEF	Projeto Curricular de Educação Física
PNEF	Programa Nacional de Educação Física
PF	Plano de Formação
TPA	Tempo Potencial de Aprendizagem
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
ZSAF	Zona Saudável de Atividade Física

ÍNDICE

Agradecimentos.....	4
Resumo	5
Abstract	6
Lista de abreviaturas.....	7
Introdução.....	2
Contextualização do Estágio Pedagógico	3
O Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide.....	3
Funcionamento da EF na EBGC	5
O Departamento de Educação Física.....	6
O núcleo de estágio	8
A turma 8 ^{01ª}	9
Particularidades da formação do Estágio Pedagógico da EBGC	12
Análise Crítica e Reflexiva do Percurso de Formação	15
Capítulo 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem.....	15
Planeamento do processo ensino-aprendizagem.....	15
Condução do processo ensino-aprendizagem.....	18
Estilos de ensino	19
Avaliação do processo ensino aprendizagem.....	23
Capítulo 2 – Investigação e Inovação Pedagógica.....	26
Capítulo 3 – Participação na Escola	29
Desporto Escolar.....	29
Ação de intervenção.....	32
Balanço do projeto	33
Capítulo 4 – Relação com a Comunidade.....	34
Direção de turma.....	34
Estudo de turma	35
Reflexão Final.....	37
Referências Bibliográficas	40
Documentos Consultados.....	41

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito do estágio pedagógico inserido no 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa. O seu principal objetivo consiste em promover uma reflexão crítica de todo o processo de formação desenvolvido no estágio pedagógico realizado em colaboração com o Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide, mais especificamente com a Escola Básica 2, 3 Gaspar Correia, durante o ano letivo 2017/2018.

O estágio pedagógico define quatro áreas de formação, que são: (1) organização e gestão do ensino e da aprendizagem; (2) inovação e investigação pedagógica; (3) participação na escola; (4) relação com a comunidade.

A estrutura deste relatório respeita as normas do Guia de Estágio Pedagógico 2017/2018, e inicia a sua construção através de uma contextualização do local onde foi realizado o estágio, do agrupamento e da escola.

Em seguida, realizo uma reflexão sobre a minha prestação em cada uma das áreas, elaborando sobre os trabalhos desenvolvidos, o meu desempenho, os principais problemas encontrados e a forma como os ultrapassei.

Por fim, realizo uma reflexão com base em todo o percurso durante o estágio, onde faço referência às principais aprendizagens, às maiores dificuldades e em que é que estas contribuíram para o meu percurso e, de certa forma, para o meu futuro.

Através da realização do estágio pedagógico, consegui compreender a importância de várias vertentes para a formação de professores, que vão para além do conhecimento pedagógico do conteúdo. Devemos ter em conta que *“a realidade complexa e em contínua mudança da Educação Física (EF) (situada na intersecção da escolaridade e da cultura do movimento) exige professores que disponham não só de um repertório de técnicas de ensino, mas também de conhecimento de valores e objetivos educativos e competência para determinar quando é que estas técnicas devem ser aplicadas ou adaptadas. A EF precisa de professores educados como profissionais reflexivos.”* (Crum, 2017, p.69). Este conceito conjuga assim, três vertentes importantes que, interligadas, formam um bom professor de EF. É, através desta última vertente referida que se baseia este relatório, sendo o mesmo construído através de reflexões que fui fazendo ao longo do EP.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Cada professor, para desenvolver competências pessoais e profissionais precisará de compreender que a Escola tem uma importante função a desempenhar. É importante que um professor reconheça que a sua tarefa não se limita ao contexto “sala de aula”, mas também ao meio que o envolve. Nesse sentido, irei contextualizar o meio em que decorreu o meu EP.

O Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide

O Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide é constituído por cinco escolas, do pré-escolar ao 12º ano, serve duas freguesias (Portela e Moscavide) e encontra-se em bairros da área metropolitana de Lisboa. As escolas em que as estagiárias do núcleo da E.B.1 Gaspar Correia irão intervir de forma sistemática, durante o ano de estágio pedagógico são a E.B. 2,3 Gaspar Correia (EBGC), a Escola Secundária da Portela e a Escola E.B. 1/Jardim Infantil (JI) Portela.

A EBGC fica situada na freguesia de Portela e Moscavide, uma das que possui uma maior densidade populacional (10001 a 15441 habitantes por km²) no concelho de Loures.

No que respeita às relações estabelecidas com a comunidade, sabe-se através da avaliação externa efetuada e da informação presente no Projeto Educativo de Escola, que o Agrupamento celebra vários acordos e protocolos com instituições educativas públicas e particulares, coletividades e outras, consideradas de interesse para a melhoria do sistema educativo. Assim, como parceiros institucionais do Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide (AEPM) tem o Ministério da Educação e Ciência, a Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo, a Equipa de Apoio às Escolas, a Câmara Municipal de Loures e o Gabinete de Segurança do Ministério da Educação e Ciência.

Na comunidade externa, o AEPM tem como parceiros a Câmara Municipal de Loures e Juntas de Freguesia, o Centro de Saúde, o Centro Paroquial do Cristo Rei da Portela, Hospitais, o centro de emprego de Moscavide, a Polícia de Segurança Pública “Escola Segura”, a CERCI da Póvoa, associações de pais, e outras associações e coletividades. Esta comunidade externa foi muito importante na concretização de vários projetos, nomeadamente no projeto da Área 3, do qual falo no Capítulo 3 – Participação na Escola.

O Projeto Educativo remete-nos para a necessidade de os intervenientes no contexto escolar analisarem, discutirem e apresentarem soluções para questões relacionadas com a disciplina, a multiculturalidade, os resultados escolares e a articulação curricular.

A EBGC situa-se numa das freguesias mais povoadas do concelho de Loures. Acolhe alunos maioritariamente oriundos das freguesias da Portela e de Moscavide, mas também de outras freguesias como as de Sacavém/Prior Velho. É uma escola com 45 anos de existência e com instalações que necessitam de intervenção. Esta é constituída por sete pavilhões, sendo um deles exclusivamente de instalações desportivas, para além de espaços exteriores desportivos (Projeto Educativo, 2015-2018).

Na escola, as atividades letivas decorrem em sete pavilhões: os pavilhões de A a E, um pavilhão de entrada e um pavilhão desportivo. Os pavilhões A, B C e D destinam-se essencialmente às salas de aula; no pavilhão A funciona uma sala de educação especial; no pavilhão B funciona o CRTIC Loures (informática); no pavilhão C existe a sala de currículos funcionais; e no pavilhão D está instalada a biblioteca escolar. O pavilhão E inclui o bar dos professores e dos alunos, a papelaria, a sala de professores e a sala de convívio dos alunos. No pavilhão de entrada estão instalados o refeitório, a cozinha, a sala de Diretores de Turma (DT) e a coordenação da escola. Por último, o pavilhão desportivo e os espaços exteriores envolventes são os locais onde é realizada a prática desportiva. Todos os pavilhões estão ligados entre si por uma galeria coberta e são rodeados por espaços abertos.

A escola funciona em dois turnos, que se desenvolvem das 8h30 às 13h30 e das 13h40 às 17h55. No período da manhã há 3 blocos de 90 minutos e no período da tarde 1 bloco de 45 minutos e 2 blocos de 90 minutos. Às quartas-feiras as aulas terminam às 13h30, sendo o período da tarde reservado a atividades do Desporto Escolar (DE) e reuniões docentes, nomeadamente a reunião de Departamento de Educação Física (DEF). As atividades letivas e não letivas decorrem neste período de tempo, à exceção de alguns clubes que poderão funcionar após as 18h00.

Importa analisar o contexto do meu EP, pois a oferta em termos de formação que tive o privilégio de receber ao longo deste ano letivo foi muito rica devido a este contexto. Na realidade, nunca esquecendo o foco principal da turma de 8º ano que me foi atribuída, foi-me também possível intervir e trabalhar com uma turma de 9º ano, com uma turma de 11º ano do curso de Desporto, devido ao facto de o meu estágio ser realizado em contexto de Agrupamento de Escolas e o meu Orientador de Escola (OE) ser responsável por ambas as turmas. Acrescendo a isto, também me foi possível acompanhar e intervir em duas turmas de 1º ciclo (3º e 4º ano). Procederei a explicações

mais detalhadas acerca das particularidades do estágio neste contexto mais adiante num capítulo denominado “Particularidades do estágio na EBGC”. Todos estes fatores foram importantes, e influenciaram o meu EP, pela oportunidade de formação, pela experiência nos diferentes ciclos de Ensino.

Por último, na Semana Professor a Tempo Inteiro, foi-me possível lecionar uma turma de cada ano, do 5º ao 12º.

Sou da opinião que toda esta experiência de formação enriqueceu o meu EP pois lecionar turmas com alunos em fases de desenvolvimento tão diferentes constitui realidades bastante distintas, permitindo que eu evoluísse, tendo sido também fulcral o apoio e suporte da comunidade escolar que a EBGC e o AEPM permitiram. .

Funcionamento da EF na EBGC

Na EBGC, a EF é valorizada como qualquer outra disciplina, e apoiada como tal, por parte da direção e de todos os professores da escola. No entanto funciona, e está organizada de maneira diferente. Verificamos que a EF no agrupamento, não tem um Grupo de EF (GEF), mas sim um Departamento de EF (DEF). Marca também pela diferença na sua organização, tendo espaços próprios e um *roulement* de funcionamento que irá ser explicado de seguida.

A escola dispõe de três espaços: espaço 1, espaço 2 e espaço exterior (EE). O espaço 1 é constituído por 1/3 do pavilhão interior; o espaço 2 por 2/3 do pavilhão interior; e o espaço exterior é constituído por campos de Andebol/Futebol, Basquetebol, Voleibol e uma pista de atletismo. Deste modo, o *roulement* foi construído tendo em conta estes três espaços: cada professor leciona em espaços diferentes durante a semana, de duas em duas semanas, ou seja, duas semanas na rotação A, duas semanas na rotação B e duas semanas na rotação C.

A principal condicionante em termos de espaços acontecia devido às más condições climáticas em alguns períodos, isso obrigava o professor do EE a deslocar-se para o interior do pavilhão, sendo o mesmo dividido em três. Quando isto ocorria, a coexistência de três turmas dentro do pavilhão dificultava a prática letiva devido ao elevado ruído e ao reduzido espaço resultante. Além disso, também ocorria a interferência dos alunos em tempo de intervalo com as turmas a ter aulas de EF nos espaços exteriores – os alunos passavam pelo meio dos espaços de aula para se dirigirem aos diferentes locais da escola ou mesmo para utilizarem os campos de jogos,

situação que todos os professores de EF tentavam controlar através da sinalização do espaço destinado à aula e conversando com os alunos.

A carga horária para EF é comum a quase todas as turmas, sendo um bloco de 90' e outro de 45'; já no curso profissional de Desporto são dois blocos de 90', sendo um aspeto positivo e que permite uma boa organização das aulas.

O material de EF é muito completo, variado e rico, existindo assim diversos materiais de todas as modalidades, sendo sempre possível de lecionar o planeado. Mesmo que os outros professores a lecionar ao mesmo tempo necessitassem do mesmo material, havia sempre suficiente. O único aspeto a apontar tinha que ver com a aparelhagem, que muitas vezes vários professores a queriam utilizar e não existia nenhuma regra de atribuição da mesma, o que algumas vezes levou ao ajustamento dos planos de aula. Ainda que não fosse a única condicionante que levava a mudança dos planos de aula. Ocorriam várias vezes mudanças de espaço devido às condições climatéricas, entre outras.

O Departamento de Educação Física

O DEF incluía 20 professores de EF da Escola Secundária da Portela e da EBGC, entre os quais duas professoras estagiárias da Faculdade de Motricidade Humana (FMH), onde me incluo, e dois professores estagiários da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT).

O departamento tinha como coordenador o professor orientador de escola que desempenhou a sua função com competência e dinamismo, inclusive apoio na realização das várias atividades do PAA.

Os professores da EBGC eram 7, sendo duas as estagiárias, três professores que já lecionavam na escola, e dois professores que vieram de fora, nomeadamente do Norte do País, algo que foi importante na medida em que a troca de ideias era algo relevante e interessante dentro do grupo. Esta questão foi também o foco de preocupações do orientador de estágio, sendo o coordenador do departamento de EF, existiram questões levantadas sobre os PNEF e a avaliação da disciplina que levaram, após análise, a ser o centro do nosso estudo na área 2. Era algo que se revelou discordante entre os professores, o método de avaliação da disciplina segundo os PNEF.

As reuniões do DEF eram realizadas regularmente.

Aconteciam pelo menos uma vez por mês, tiveram como objetivo a discussão e aprovação de documentos que orientam o ensino da EF, como o PCEF e a aprovação

e distribuição de tarefas do PAA. Nestas reuniões foi visível a divergência de ideias e opiniões entre professores, que têm diferentes características, formações iniciais e especialidades, o que provocou dificuldades em algumas das decisões. Como referi anteriormente uma das discussões centrou-se na avaliação da disciplina, em que foi debatido o método indicado pelos PNEF, algo que foi importante para rever o mesmo, e compreender várias posições sobre o assunto em questão. Ainda assim, sempre foi importante conjugar opiniões diversas, tendo sempre em conta o contexto, que faz a diferença na tomada de decisões, algo que se tornou cada vez mais claro para mim. Contudo, apesar das diferentes opiniões era visível a preocupação com a tomada de decisões tendo como objetivo o consenso e mantendo um clima positivo dentro do DEF. E o DEF, era todo muito unido e participativo nas diversas atividades do PAA, sendo feito um trabalho muito cooperativo, que muitas das vezes resultava num almoço com todos os professores do departamento.

O núcleo de estágio

O núcleo de estágio era constituído por quatro elementos, duas estagiárias e dois professores orientadores, um de escola (OE) e outro da faculdade (OF). Os professores orientadores foram responsáveis pela supervisão pedagógica da formação das estagiárias.

“Em primeiro lugar a Supervisão é uma estratégia de formação que implica uma relação entre um professor com experiência e um professor com menos, ou mesmo, sem experiência. O primeiro, pela sua competência numa dada área de intervenção profissional, recolhe e analisa informação sobre as dificuldades aí manifestas pelo segundo, sendo capaz de o aconselhar na adopção de medidas que permitam ultrapassar essas mesmas dificuldades.” (Onofre, 1996. p.82) Existiu sem dúvida esta ligação entre professor orientador, e professor estagiário, que permitiu um clima positivo ao longo de todo o EP, algo que se revelou bastante importante na construção de todo o EP, em termos formativos, pela capacidade de aceitar a crítica e construir a partir da mesma, e pela facilidade no diálogo e à vontade criado logo desde início.

As funções enquanto Núcleo de Estágio (NE), foram variadas, tais como, a observação de aulas da colega de estágio e do OE, assim como a lecionação das aulas de DE. Existiu também a preparação de vários documentos, como o projeto de estágio, o plano de atividades, o projeto do Desporto Escolar, o trabalho realizado na área 2 e o projeto da área 3.

O funcionamento do NE foi, ao nível da relação entre mim e a minha colega de estágio foi positivo. Termos feitos e opiniões diferentes, obrigou-nos a aprender a lidar com essas diferenças e a fazer com que tudo funcionasse. Houve essencialmente um apoio, da minha parte a nível dos desportos coletivos, e ela apoiava-me nos desportos individuais nomeadamente na área das atividades rítmicas e expressivas. É claro que aprendi a ser mais tolerante e ponderada, a encaixar conhecimentos, e a torna-los mais produtivos. De certa forma, cresci muito positivamente, graças a este NE, com pessoas tão diferentes e maneiras de pensar também.

A turma 8º1ª

A turma com que trabalhei durante o meu EP, era uma turma de 8º ano, constituída por 25 alunos, sendo 12 raparigas e 13 rapazes. A média de idades era de 13 anos, tendo alunos desde os 12 aos 16 anos.

Relativamente à Nacionalidade dos alunos, eram todos portugueses, exceto uma aluna oriunda de um país do leste da Europa.

A turma do 8º1ª, vinha com os mesmos alunos do 7º ano, com a exceção de ter perdido uma aluna que mudou de escola.

Como indicador do desempenho académico, foram usadas o número de retenções de cada aluno até ao momento, sendo que se verificou que uma aluna da turma já tinha chumbado uma vez, e outra que tinha chumbado três vezes.

A área de proveniência dos alunos era na sua maioria da Portela e Moscavide 14 alunos, 5 alunos das zonas de Prior Velho, Sacavém e Olivais 4 alunos das zonas de Camarate/Apelção/Unhos e 1 aluno da zona de Santa Iria/Póvoa/Alverca.

Ainda neste seguimento verificou-se como é que os alunos se deslocavam para a escola, sendo que 14 deles iam de carro, 4 de autocarro, 1 de comboio e 8 a pé.

Em relação ao nível de escolaridade dos pais, verificou-se que haviam 7 pais com o Ensino Superior, 6 pais com 12º ano, 5 com o 9º ano, 1 com o 6º e 1 com o 5º e 5 não responderam.

Conseguimos verificar que os alunos eram maioritariamente da zona da Portela e Moscavide, mas ainda assim morando tão próximo da escola, deslocavam-se de carro para a mesma, o que foi uma das coisas que nos levou enquanto NE a desenvolver o projeto da Área 3, que explicarei nesse mesmo capítulo.

Exista ainda mais uma questão, relacionada com a disciplina em que os alunos sentiam mais dificuldades, e foi quase unânime a resposta, sendo em primeiro lugar Matemática, seguida de Inglês. É importante perceber que é uma turma que vem toda igual do ano letivo anterior, portanto os alunos já se conheciam todos bem, e tinham uma forte ligação, que funcionava muito como escudo protetor.

Estes alunos, são alunos que têm uma capacidade motora muito elevada, e que são muito mais empenhados para as tarefas ativas, do que para as atividades de sala de aula. Algo que para a disciplina de EF é bastante positivo, e proveitoso, eles tinham uma energia em aula muito boa, mas também existiam alguns comportamentos fora da tarefa.

Em relação à turma, apliquei um teste sociométrico, e consegui retirar alguns dados interessantes para o planeamento das aulas. Com base na minha observação e experiência a lidar com a turma, tanto em contexto de aula de EF, como no recreio e nas aulas de direção de turma, consegui ir tirando ilações que vão ao encontro dos resultados encontrados pelo teste. Encontrei dados sobre a relação entre os alunos, nomeadamente aqueles que eram vistos como referência na turma e os que eram mais rejeitados. Estes dados ajudaram-me principalmente a planear melhor os grupos de trabalho para as aulas, e ajudou também a diretora de turma a refazer a planta da sala de aula.

O facto, é que, a turma, na sua generalidade, era muito empenhada, e em termos motores era uma turma excecional, possível de ser comprovado pelos elevados índices de participação de todos os alunos em praticamente todas as aulas. No entanto, e como os resultados do teste sociométrico apontavam, os alunos mais “rejeitados” pelos colegas, eram aqueles que tinham mais comportamentos fora da tarefa durante as aulas, e aqueles que eram mais introvertidos eram os que acabavam por ficar mais de parte.

Ao longo do ano, a turma mostrou-se motivada e dedicada em todas as aulas de EF, inclusive participaram nas atividades realizadas pelo PAA, do DEF, e tinham ótimos desempenhos, o que se revelou também nas notas atribuídas. Em termos de classificações finais gerais da turma, considera-se positivo, apesar de dois alunos não irem transitar para o ano seguinte (9º ano).

Em relação à minha experiência com a turma, foi muito positiva, tendo desenvolvido uma ótima relação com os alunos, criei um sentimento de respeito mútuo, e um clima muito positivo. A turma evoluiu bastante ao longo deste ano letivo, e mesmo os poucos alunos com dificuldades demonstraram um nível de empenho e motivação cada vez maior. Eu tentei sempre fazer com que os alunos se sentissem todos integrados e valorizados em todas as aulas. Maioritariamente através da interajuda na turma, tendo sempre essa preocupação enquanto criava os grupos de trabalho e fazendo-os perceber a importância de ajudarem o colega, quando eles já sabiam fazer as coisas. E além do mais, elogiar e dar bastante FB positivo.

Contudo, posso referir que esta turma contribuiu de forma bastante positiva para a realização do meu EP, foi uma experiência muito rica, com obstáculos, que me levou a melhorar e a fazer algumas conquistas também. Na medida em que foram bastante desafiantes, era uma turma muito boa a nível motor, que me levava a criar diversidade

nas aulas, e formas de dificultar as coisas e adequar ao nível deles criando maiores níveis de motivação, o que foi, reforço, um verdadeiro desafio.

PARTICULARIDADES DA FORMAÇÃO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO DA EBGC

O EP na EBGC, é diferente, só por si, para além de ser uma escola com uma grande multiculturalidade, e o facto de isso nos aproximar dos alunos e das diferenças deles, o estágio na EBGC, deu-me a oportunidade como já referi, de lecionar durante um ano letivo inteiro, aulas à minha turma de 8º ano, a uma turma de 9º ano, a um 11º de Desporto, a um 3º e a um 4º ano. São 5 turmas, deu um trabalho acrescido, mas enriqueceu-me sem dúvida muito mais. Não só pelo desafio, mas também pela capacidade que me deu de planear e projetar objetivos para vários anos de escolaridade.

Uma das particularidades da formação dos estagiários na EBGC foi o facto de conseguirmos ter experiências de lecionação a turmas de 1º ciclo, nomeadamente 3º e 4º ano.

O enriquecimento que os alunos do 1º ciclo ganham com a EF é verdadeiramente grandioso, e isso para mim representou algo verdadeiramente desafiante e interessante. Sendo que é importante levar o exemplo deste agrupamento para mais escolas do País em que a EF devia ser incluída no currículo dos alunos do 1º ciclo. Isto porque há uma diferença clara, nos alunos que vieram de uma escola com EF logo desde o 1º ciclo, e os que não tiveram essa oportunidade, em que as bases simplesmente não existem nesses alunos. É também importante, na medida em que valorizava a profissão, levando a que apenas professores com Mestrado em Ensino lecionassem as aulas de EF no 1º ciclo. Sendo que é inquestionável todo o valor que tinha em termos motores para os alunos que beneficiassem dessas aulas, como podemos ver, segundo C. Neto, “ *O esforço em manter a criança intelectualmente ativa e corporalmente passiva implica uma atenção especial por parte dos especialistas ligados à educação e à saúde. A necessidade de atividade física e jogo espontâneo nesta fase de desenvolvimento é crucial, se não mesmo decisiva na delimitação de hábitos saudáveis para uma vida ativa.*” (2007, p.1)

São anos letivos diferentes, ciclos diferentes, escolas diferentes, portanto objetivos diferentes, o que leva a uma construção de bagagem maior e mais rica.

Algo que é também uma oportunidade de formação no EP, e que vai ao encontro da ideia anterior, relativo às experiências com diferentes anos letivos é a semana de professor a tempo inteiro.

Esta experiência permitiu lecionar as aulas de uma turma de cada ano de escolaridade desde o 5º ano até ao 12º ano durante uma semana inteira.

Esta semana decorreu nos dias 18, 19, 20, 21 e 22 de janeiro de 2016, na EBGC com as turmas do 5º3ª, 6º4ª e 7º4ª. E na Escola Secundária da Portela com as turmas 8ºA, 9ºA, 10ºG, 11ºA e 12ºE.

O guia de estágio exige um total de 22 horas de experiência, objetivo que foi cumprido por mim e pela minha colega de estágio.

Em relação às grandes dificuldades sentidas, estas surgiram ao nível da forma como deveria ou não, dirigir-me às turmas do 10º, 11º e 12º ano, pois, senti que o nível cognitivo dos alunos se encontrava num nível superior ao que estava habituada. E em como é importante ter em atenção, que tudo o que o professor diz e faz, é alvo de avaliação e críticas constantes por parte destes. Para além disso, os desenvolvimentos das características físicas dos alunos encontravam-se num nível muito semelhante ao que considero ser o meu próprio nível. Por isso, senti que fui muitas vezes confundida como parte integrante da turma e não como a professora da mesma, pelo que, para tentar contrariar este sentimento adotei muitas vezes uma postura mais autoritária e distante.

Em contrapartida, estes anos de escolaridade, os do ensino secundário, foram aqueles onde senti mais facilidade em motivar os alunos para a prática da EF e em controlar os seus comportamentos o que, possivelmente, esteve associado ao nível maturacional desta faixa etária e da compreensão dos mesmos pelos objetivos do que é a Escola e do que esta implica.

Tive oportunidade de trabalhar com diferentes tipos de professor. Professores que me deram total liberdade de escolher as matérias e as temáticas das aulas, professores que me enviaram o plano e tive que o executar, professores que quiseram discutir o plano que tinham para saber a minha opinião e professores que só me deixaram assistir pelo facto de os alunos terem “rotinas estabelecidas” e não havia necessidade do professor intervir.

Devo salientar as boas relações criadas e desenvolvidas com os professores das respetivas turmas pois, foram, na maioria dos casos, bastante positivas e contribuíram para a minha formação e integração na escola e no DEF. Existiu um à vontade criado pelos professores das várias turmas que lecionei em deixarem-me organizar a aula à minha maneira, dando só a orientação das matérias que estavam a trabalhar. No final de cada aula os professores das turmas davam sempre FB, e explicavam-me aspetos

em que podia melhorar, e isso tornou-se bastante enriquecedor. Isto fez com que fosse criada uma ligação com cada um deles, e uma interajuda refletida ao longo do ano letivo.

Assim, de forma geral, foi uma semana rica em novas vivências, tendo-me sido possibilitada a oportunidade de ver e sentir diferentes dinâmicas de turma, diferentes alunos com faixas etárias diversas e formas de estar como professor também muito distintas.

ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA DO PERCURSO DE FORMAÇÃO

CAPÍTULO 1 – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

Planeamento do processo ensino-aprendizagem

“Ao planejar, estamos a «antecipar» e a prever a forma como vamos utilizar todos os meios ao nosso dispor para que os alunos cumpram objectivos adequados ao seu desenvolvimento” (Carvalho, 2017p.139). O planeamento é a base, é onde são definidos os objetivos da formação, é onde paramos para pensar nos detalhes todos, para conseguir que os nossos alunos sejam bem-sucedidos. No entanto, não podemos esquecer de todas as outras componentes que constituem o ensino.

O primeiro objetivo com que me deparei, e pensando que faltavam apenas uns dias para as aulas começarem, foi com o planeamento da Avaliação Inicial (AI). Algo que facilitou o planeamento da AI foi a existência de um Protocolo da Avaliação Inicial (PAI) construído pelo DEF. Este PAI, já tinha algumas alterações das colegas de estágio do ano anterior, que ocorreram no sentido de melhorar o mesmo. Algo que foi bastante positivo, pois pouco havia a alterar em relação ao PAI, estando este bastante completo.

A concretização do período de AI, e o seu planeamento, foi feito com base em diversas coisas, tais como; o roulement das instalações; as características da turma; o número de alunos; e claro como já referido com o PAI.

A AI da minha turma desenrolou-se ao longo de 6 semanas, tempo suficiente para avaliar todas as matérias que constituíam o PAI, e algumas até duas vezes. Nesta etapa, deu para conhecer a turma, perceber o seu nível e retirar informações importantes para me auxiliarem no planeamento da 2ª etapa.

Na AI, o objetivo é tentar passar por todas as matérias principais, e compreender quais são os conteúdos nos quais os alunos evidenciam maiores dificuldades, quais os ajustes a fazer em relação aos objetivos para cada aluno, conhecer os níveis de motivação dos alunos para a prática de educação física e a interação entre os mesmos. A organização desta etapa foi feita essencialmente com aulas em que eram trabalhadas pelo menos duas matérias em simultâneo, isto ocorre devido ao período de AI ser um período curto de tempo, e a necessidade de avaliar várias matérias.

“As informações recolhidas na avaliação inicial dos alunos e na avaliação formativa, ao longo do ano, permitem-nos estabelecer concretamente essas prioridades/ objectivos e ajustar sistematicamente a actividade dos alunos ao sentido do seu desenvolvimento”

(Carvalho, 2017, p.136). Como referi anteriormente, e tendo em conta a citação anterior, foi precisamente através das informações retiradas na AI, que foi possível antever e planejar com mais pormenor as situações de aprendizagem para a turma, sendo claro que nem tudo pode ser planeado e há sempre ajustes a fazer.

É importante perceber que este período de AI não é fácil. A recolha de informação acaba por ser feita principalmente através da observação, pois o registo nas grelhas torna-se complicado de fazer enquanto gerimos a aula ao mesmo tempo. Adotei algumas estratégias, que explico na área de avaliação, porém foi algo que eu consegui colmatar e melhorar ao longo do período de AI. No entanto, é uma fase interessante e foi importante para a criação de rotinas, estabelecimento de regras, criação da relação com a turma e para mim, foi um processo de evolução, sendo que todo o estágio o foi. Acabado este processo é importante compreender que este período de AI poderia ter sido uma fase realizada com foco nas componentes essenciais de aprendizagem e isso teria facilitado a construção de um panorama geral dos alunos, e das suas capacidades, de maneira a facilitar o planeamento das aprendizagens, ligando assim diretamente com os objetivos da 1ª etapa. Como referi anteriormente é o primeiro impacto com o estágio, e algo que nunca tinha realizado anteriormente, o que dificulta um pouco esta etapa.

Segundo Carvalho (2017), após a avaliação inicial, o professor tem as informações suficientes para criar o plano anual de turma e operacionalizar a 1ª etapa. A criação do Plano Anual de Turma (PAT), um verdadeiro desafio. Os documentos a realizar após a 1ª etapa, são o PAT e o plano de 2ª etapa. O meu objetivo foi realizar ambos em simultâneo, o que acabou por dificultar o meu processo de planeamento. Acabei por dar mais importância ao plano da 2ª etapa onde tinha que planejar as aulas, e deixei o PAT para 2º plano, o que acabou por ser um erro, sendo que, tentei colocar muita da informação que apareceria no PAT, no plano da 2ª etapa. As questões de prognóstico foram realizadas com base nos resultados da AI, analisando os resultados dos alunos e os níveis em que se encontravam nas diferentes matérias. Traçando assim, objetivos aos diferentes alunos por níveis para a 2ª etapa.

Este planeamento teve como propósito superar algumas das lacunas encontradas nas várias matérias observadas e avaliadas, principalmente naquelas que os alunos já deveriam ter adquiridas dado o ano de escolaridade em que se encontram. É também importante a aprendizagem de novas competências dessas matérias por todos os alunos. Algo que serviu também como uma estratégia motivacional e como uma antevisão para a etapa seguinte.

Como ocorreu no planeamento da 1ª Etapa, também o planeamento da 2ª etapa teve em vista as matérias a lecionar em cada aula, o número de matérias por aula, bem como os espaços de lecionação e os recursos temporais e materiais que poderiam ser utilizados. Quanto à calendarização da etapa, houve a criação de uma calendarização global, feita para todo o ano letivo, e depois uma mais específica para a 2ª etapa, que depois se transpôs para o PAT, assim como os objetivos e estratégias, que se foram ajustando ao longo do tempo.

As dificuldades maioritariamente sentidas nestes dois níveis de planeamento (PAT e Plano de 2ª Etapa) onde ocorreu uma tentativa de serem antecipadas no Plano de Formação (PF) foram: a construção do planeamento das etapas na totalidade antes da etapa começar propriamente; definir objetivos concretos e ajustados para a etapa e para cada aluno; articular todas as áreas de extensão da EF; distribuir as matérias primeiro pelo ano e depois pelas etapas; e a formação de grupos de maneira a incluir todos os alunos.

A dificuldade maior que senti, foi o facto de não conseguir finalizar a realização do plano antes de começar a sua implementação, e, portanto, ocorreram decisões que não foram antecipadas e por sua vez só foram colocadas no plano após terem sido tomadas. Ocorreu nesta fase, uma tentativa de começar a construir (Unidades de Ensino) (UE), algo que só se efetuou definitivamente na 3ª etapa. Sendo nessa etapa que as UE se mostraram uma necessidade de organização.

Com a experiência das duas primeiras etapas já realizadas, foi possível a construção do planeamento da 3ª Etapa de Aprendizagem e Desenvolvimento, onde consegui realizar o plano de etapa, antes de começar a mesma, propriamente dita. Como já foi referido, tentei sempre realizar o planeamento das etapas seguintes, com base na reflexão realizada sobre a etapa anterior, e também com base no PAT, e nos objetivos traçados no mesmo.

Nesta altura, foi quando ocorreu a necessidade de passar de planos de aula, para planos de UE. Algo apoiado também pelo professor orientador, que ajudou na elaboração das primeiras, de forma a ter alguma base. O planeamento por UE foi bastante enriquecedor e ajudou a ter uma visão mais organizada das aulas, de forma a planear sempre mais que uma aula, com objetivos semelhantes, facilitando também na medida em que se mantinham os grupos de trabalho. Algo que me permitiu, não só, uma melhor observação dos alunos, como o nível de organização de aula e dos alunos foi muito melhor.

Por fim, o planeamento da 4ª e última Etapa, de Desenvolvimento e Consolidação, permitiu ajustar os objetivos finais do ano letivo e concluir com maior qualidade todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano. O balanço foi feito com base nas metas alcançadas e ao que havia ficado por concretizar e o que poderia ter sido feito de maneira diferente, logo desde o início do ano e que deveria ter em conta no início do próximo ano letivo se viesse a ser novamente a professora desta turma.

O planeamento é uma vasta área de trabalho, na qual tive algumas dificuldades, que ao longo do ano letivo fui conseguindo resolver. Destaco alguns problemas, como; a antecipação do planeamento; a calendarização, a adequação do planeamento aos diversos níveis dos alunos. A dificuldade ao nível do planeamento é algo comum nos professores estagiários, referido por (Inácio et al., (2015). Estes mesmos autores sugerem ainda a criação de documentos orientadores para os estagiários, que apoiem a construção do PAT e planos de etapa. Algo que poderia ser feito em parceria com as universidades e locais de estágio, e que ia ser bastante importante e facilitador desta tarefa.

A nível de soluções, foi algo que tentei sempre encontrar ao consultar documentos de ano letivos anteriores, e criando formas de organização, que me permitiram ao longo do ano antecipar a criação dos planos de etapa, por exemplo.

Condução do processo ensino-aprendizagem

A condução do ensino é uma das peças fundamentais neste processo todo, não só no processo de aprendizagem dos alunos, mas também no meu próprio processo e progresso de estágio. Principalmente, porque é a oficialização do estágio, onde tudo acontece. Dentro da condução encontra-se a instrução, o feedback, a demonstração, e toda a gestão e organização da aula, que contribuem para o sucesso do processo em questão.

O sucesso dos alunos na aprendizagem está dependente do desempenho do professor (Onofre, 1995). E foi nisto mesmo que me tentei focar ao longo de todo o processo de estágio. Existiu sempre a preocupação de ter uma relação de empatia com todos os alunos, querendo sempre saber como estavam, se tudo corria bem, dentro e fora da escola. Motivando-os sempre também para a prática de AF, e preocupando-me sempre com a utilização do feedback positivo (e não só), com o objetivo de um clima de aula positivo.

E tudo começa na AI, inicia o ano letivo, é o primeiro contacto com a realidade de professora.

A etapa mais importante, onde se encontra o primeiro contacto com a turma, e onde tive de recolher dados sobre todos eles, ao mesmo tempo que os conhecia e que memorizava os nomes deles.

A condução das aulas foi feita com base no PAI, onde tentei sempre registar o máximo o que observava, algo que não foi tarefa fácil. Foi difícil cumprir a observação e sentir que estava de facto a conseguir analisar todos os alunos e a ensinar em simultâneo. Acabava as aulas com um sentimento de que não tinha cumprido o objetivo de observar todos os alunos.

Deparando-me com esta dificuldade, senti a necessidade de aplicar estratégias, tentando organizar os alunos por níveis e distribuindo coletes para identificar esses níveis, sendo mais fácil orientar assim a minha observação.

Em relação à condução de ensino, vou enunciar agora as competências nas quais senti mais dificuldade, refletir sobre as mesmas e explicar as estratégias usadas para superar essas mesmas dificuldades. Estas são: 1) os estilos de ensino; 2) a organização da turma e aula; 3) a instrução; 4) o clima de aula; 5) a demonstração e 6) o feedback pedagógico.

Estilos de ensino

Em relação aos estilos de ensino, no início acabei por utilizar mais os estilos de ensino de comando e tarefa, o estilo de ensino de comando caracteriza-se segundo (Mosston & Ashworth (2008), como o desempenho de precisão que reproduz uma resposta prevista ou desempenho sugestivo. Ou seja, mais utilizado em modalidades como a dança e a ginástica.

O estilo de ensino tarefa, caracteriza-se segundo (Mosston & Ashworth (2008), pela prática individual e privada de uma tarefa de memória / reprodução com feedback privado. Ou seja, acaba por ser utilizado mais precisamente nas outras modalidades, como os desportos coletivos. Na medida em que é dada uma tarefa aos alunos e estes devem reproduzi-la, sendo esta melhorada através de feedbacks individuais.

À medida que ia conhecendo a turma, e de forma a criar mais responsabilidade, introduzi o estilo de ensino de autoavaliação, que consiste na criação de fichas critério, que dava aos alunos no início da aula, e pelas quais eles teriam que melhorar e corrigir os exercícios individualmente. Este estilo de ensino foi utilizado na matéria de ginástica, onde os alunos viam por exemplo, o exercício da roda, com a discriminação de todas as componentes críticas e no final de realizarem várias vezes, assinalavam se cumpriam ou não as componentes críticas do mesmo.

Organização da turma/aula

Nas primeiras aulas, tendo em conta que nunca tinha tido qualquer contacto com a turma, os grupos de trabalho começaram por ser feitos de forma homogénea, de forma a identificar as características de cada aluno. Nessas aulas, tive como estratégias organizá-los de acordo com a sua disposição numérica e por género, de modo a ser mais fácil o registo da AI.

Após as primeiras aulas, comecei a verificar que com certos alunos juntos, a aula não decorria com fluência e normalidade, por existir demasiada brincadeira. Desta forma, comecei a ter isso em conta na formação de grupos separando sempre os alunos de maneira a que as aulas decorressem sem muitos comportamentos fora da tarefa.

Posteriormente, com os resultados do estudo de turma, e com a utilização de UE, os grupos eram criados heterogeneamente, com base nas relações entre alunos, e eram estipulados consoante as modalidades trabalhadas naquela UE.

Algo que é ainda relevante salientar em relação à organização da turma, e da **gestão da aula**, tem a ver com a dinâmica que criei para o início das aulas. No início de cada aula eu preparava um carrinho com bolas diversas, maior parte das vezes com bolas que iriam ser utilizadas em contexto da aula e colocava-o à disposição dos alunos. Os alunos já sabiam que nos primeiros cinco minutos da aula, poderiam utilizar livremente as bolas, em interação com os colegas e de maneira organizada, de modo a todos poderem jogar aquilo que pretendiam. Isto revelou-se uma dinâmica muito positiva, e a explicação de ela ter aparecido foi devido ao facto de que, com esta turma, eu nunca conseguia começar a aula com eles todos sentados. Assim, em vez de chegarem e sentarem-se no banco sueco à espera dos colegas que faltavam, iam jogando uns com os outros, à medida que iam chegando todos. Após passarem os cinco minutos, eu apitava, os alunos já sabiam que era para colocarem as bolas no carrinho e dávamos início à aula, já de pé, e com eles muito mais focados. Esta dinâmica foi tão positiva, que até foi elogiada por um professor de outra escola que veio observar a minha aula.

A“... transmissão de informação é uma das competências fundamentais dos professores e treinadores, sendo evidente a sua importância na aprendizagem. (...) a instrução referenciada aos conteúdos surge como o motivo primeiro da sua utilização” (Rosado e Mesquita, 2009, pp.70-71), esta competência, a **instrução**, é das mais importantes na função do professor. Foi utilizada como ferramenta, no início da aula, e nas mudanças de estações de trabalho, e correções para a turma. É onde ocorre a explicação essencial dos exercícios e da organização da aula, tem de ser preparada e planeada corretamente, de forma a ser concisa e percebida por todos os alunos.

De maneira geral, não tive grandes problemas. Claro que nas primeiras aulas, a instrução acabou por ser pouco objetiva, e clara, mas é algo que foi corrigido. Optei por, no início de cada aula transmitir aos alunos o que ia ser feito, os objetivos da aula e a organização da mesma. Depois do aquecimento específico, explicava o que iríamos realizar concretamente, explicando os exercícios. Inicialmente tive um problema, que era o facto de não explicar para a turma toda. Deslocava-me às várias estações e depois perdia tempo a explicar grupo a grupo, algo que corriji devido ao feedback do meu orientador e da minha colega de estágio. Comecei a explicar logo para todos as várias estações. E depois sim, distribuía os grupos.

A **demonstração**, é bastante importante e vem aliada à instrução. Segundo (Pellegrini & Tonello, (1997 pp. 112), a informação visual tem um papel preponderante na determinação do comportamento motor humano e, em específico, no processo ensino-aprendizagem de habilidades motoras. O papel do modelo é facilmente observado tanto em situações de ensino, como em situações do quotidiano. No início do ano nem sempre era realizada a demonstração, em todas as situações de explicação, sendo que depois com o desenrolar das aulas, comecei a ter mais atenção à parte importante que é a demonstração. Sem ela, os alunos não assimilam tão bem a informação que é recebida apenas auditivamente, e mais dificilmente cumprem os objetivos, isto segundo (Públio, Tani, & Manoel, (1995) que referem que a imagem mental, enquanto sistema de representação cognitiva, tem sido diretamente associada ao processo de controlo motor. Na prática de uma habilidade motora, ao observar o modelo, o aluno poderia estar a elaborar uma imagem motora em que ocorreria uma forma de manipulação mental de imagens visuais. Facilitando a resposta motora do mesmo.

Nas matérias em que achava que tinha mais dificuldade, pedia aos próprios alunos para demonstrarem aos colegas, dando sempre feedback de forma a perceberem o que era pedido. Isto foi bastante importante, não só para mim, como para os próprios alunos, não só para os que viam, mas também para o aluno que demonstrava. Este sentia que era reconhecido no que fazia, como por exemplo, um aluno que era mesmo muito bom, e que eu tinha dificuldades em mantê-lo motivado nas aulas, quando o chamava para demonstrar este sentia que eu estava a reconhecer o seu empenho, e ficava mais motivado. Existiam também alunos que melhoraram a sua performance em determinado exercício, ao longo das aulas. Era também importante, dar relevância a esses alunos, sendo assim, eu chamava-os também para demonstrarem os exercícios aos colegas. Através da demonstração eles conseguiam mostrar a sua própria evolução e ficavam bastante contentes e motivados. Esta vertente era importante para combater o sentimento que os alunos tinham em relação a não serem escolhidos, que é notado por

P. Pereira, F. Carreiro da Costa, & J. Alves Diniz, J. (1998) referindo-se ao facto de aqueles poderem entender que o professor solicita mais frequentemente aos melhores alunos e aos rapazes para explicarem e/ou demonstrarem as tarefas da aula.

A dimensão do **clima de aula**, foi planeada aliado à gestão da mesma, do modo que fosse o mais harmoniosa possível. Esse propósito foi promovido por mim, através da criação de rotinas, tais como; (a rotina do começo da aula, o soar do apito para pausa e olhar imediatamente para mim, a dinâmica da criação de grupos que aparecia escrita nos quadros de giz), a gestão de espaços, tempo e materiais, e eu tentei que isso fosse sempre o mais harmonioso possível. Claro que, no início do período, ainda com alguma aprendizagem da minha parte em relação a toda a gestão da aula, existiram alguns comportamentos desviantes e fora da tarefa. Há que ir mais além das chamadas regulares à atenção e criar uma boa relação com os alunos, tentar compreender o que os move a terem esses comportamentos, se é falta de motivação, falta de atenção, ou o que realmente se passa com eles. E foi sempre isso que tentei fazer com a turma, claro que tentei focar e salientar os alunos que se comportam de maneira correta, para os alunos que têm tendência a brincar perceberem a mensagem, e funcionou.

Em termos de **feedback (FB)**, que é uma fonte de informação que em conjunto com o envolvimento põe à disposição do canal central de tratamento de informação do aluno os dados necessários para a produção e fixação de respostas motoras adequadas. O qual é necessário perceber a importância que este tem no processo ensino-aprendizagem do aluno (Quina, da Costa, & Diniz, 2017).

Numa fase inicial utilizei muito mais o FB individual, e em primeira instância o FB era muito mais avaliativo do que descritivo. Ao longo do tempo, tentei corrigir de maneira a dirigir o FB para a turma, de uma maneira mais prescritiva, e a tentar não me cingir só aos feedbacks negativos, mas também aos positivos, para motivação. O FB descritivo, começou a surgir também de maneira individual, para o aluno compreender de facto o que estava a fazer de errado.

Algo em que tive bastante dificuldade e fui melhorando foi o FB para a turma, e à distância, que era sempre referido pelos orientadores como uma das minhas lacunas durante a leção, e que fui treinando, principalmente nos aquecimentos e no desporto escolar, e depois transpus para a parte fundamental da aula.

Há ainda um fator bastante importante, que fui melhorando ao longo do ano letivo, que foi o fechar do ciclo de FB, ou seja, a importância de dar o FB ao aluno, analisar se ele tinha entendido, vê-lo a fazer novamente, e fechar o ciclo, através de um FB positivo.

A condução do ensino é a área mais prática do estágio pedagógico, é a área onde mais falhamos, mas também, a área onde aprendemos mais, onde lidamos mais diretamente com o papel de professor. Esta área, foi uma área bastante complexa, face às competências que enunciei anteriormente, mas também, devido a todas as dificuldades ultrapassadas e às estratégias criadas, senti que cresci bastante, e consegui criar aulas dinâmicas e com um bom ambiente de aprendizagem.

Avaliação do processo ensino aprendizagem

Segundo (Araújo (2017)), deve ser claro para todos os professores a necessidade de utilizar a avaliação como suporte de todas as decisões que se tomam no âmbito do ensino e da aprendizagem. É fundamental compreender que a avaliação não é o resultado, mas sim o processo de aprendizagem construído pelo aluno, ao longo de todo o período e de todo o ano letivo, e isso sempre foi muito claro e importante para mim. Na medida em que é importante criar diversas formas de aferir a evolução dos alunos, ao longo de todas as aulas e não, apenas, nas semanas finais do período. A avaliação é um processo, é o caminho e não a meta (resultado). E a partir disso mesmo, falamos em avaliação nas suas diversas formas: Avaliação Formativa e Sumativa. E dentro da primeira, encontramos a Avaliação inicial, já várias vezes referenciada neste relatório.

A AI tem como objetivos fundamentais, diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens previstas e prognosticar o seu desenvolvimento, i. e., perceber quais as aprendizagens que poderão vir a realizar com a ajuda do professore dos colegas, na aula de Educação Física (Carvalho, 2017).

Na primeira aula do ano letivo, é sempre importante informar os alunos, e fornecer os dados sobre a avaliação na disciplina de EF, assim, entreguei uma folha com os critérios de avaliação e questionei os alunos sobre duvidas que esclareci à medida que perguntavam.

A primeira etapa de avaliação que ocorreu, foi, portanto, a AI, que como já referida anteriormente, teve várias dificuldades de implementação, as quais foram colmatadas com várias estratégias. A principal dificuldade foi conseguir realizar a observação dos alunos, rigorosamente, e preencher devidamente as fichas de registo. E esta fase é fundamental para toda a construção de tudo a partir da AI, uma vez que a Interpretação das informações recolhidas permite ao professor tomar as decisões pedagógicas que

julgar mais adequadas, entre as quais, a definição do nível do programa que integra o conjunto de objetivos a concretizar pelos alunos (Carvalho, 2017).

O que surgiu após a AI, foi um documento, com todas as matérias abordadas, o nível diagnóstico e prognóstico de cada aluno por matéria. Documento esse, que foi útil para orientar a construção do PAT e o Plano da 2ª etapa.

Fechado o período de AI, continuei o processo de avaliação, através da avaliação formativa, cujo objetivo segundo L. Carvalho (2017) é adaptar a ação pedagógica aos progressos e problemas de aprendizagem dos alunos. A avaliação formativa ocorria logicamente em todas as aulas, através da observação, do questionamento, das progressões pedagógicas.

Ao longo de todo o estágio tive sempre uma grande preocupação com esta área. Tentei diversas estratégias. Para mim, ajudou bastante com o registo nas próprias aulas, fora das aulas e com o ajuste dos alunos conforme os seus níveis de aprendizagem. Esta turma aprende e retém mais a informação se for por mim expressa nas instruções e exemplos práticos que faço, eu mesma ou com um agente de ensino, do que através de uma *checklist* de uma determinada matéria, inserido no decorrer de uma aula. E os níveis de concentração não permitem a utilização de fichas, precisam de estar sempre em prática.

Um instrumento que utilizei foi, no final do período, uma ficha de autoavaliação de ginástica, onde expus, de forma simples e com linguagem adaptada às suas idades, todos os conteúdos dos exercícios que tinham que fazer e onde preenchiam se realizavam ou não.

Para avaliar os conhecimentos, no 1º período realizei um teste escrito, no 2º e 3º períodos, optei pela elaboração de um trabalho onde tiveram que seguir várias etapas, desde a pesquisa, envio à professora, verificação do conteúdo e elaboração de um pequeno cartaz ou *powerpoint*. Acho que, no geral, todos se mostraram empenhados na elaboração desta tarefa, tendo todos entregado e realizado os objetivos por mim pretendidos.

Por último e igualmente ao 1º período, de forma a calcular a nota final de cada aluno, de forma a atribuir um valor para o 2º período, utilizei o mesmo instrumento do período passado, onde ficam expostas as melhores matérias de cada aluno, os seus resultados na área da aptidão física e nos conhecimentos.

A avaliação da área de aptidão física foi realizada através da realização dos testes do FITescola©, que na AI, foram todos realizados, sendo que depois, avaliava sempre no início e no fim de cada período o teste do vaivém, abdominais e flexões.

No que diz respeito à avaliação sumativa, que surge como a formalização da avaliação, fiz uma compilação de todos os registos avaliativos, e criei uma tabela, onde coloquei esses mesmos registos, de forma a facilitar a visualização dos mesmos. Esta tabela, contemplava todas as matérias avaliadas, o nível inicial dos alunos, e o nível em que se encontravam naquele período. Continha também os resultados dos testes de aptidão física e os resultados da área dos conhecimentos. Finalizava com a contabilização dos níveis dos alunos de maneira a perceber a nota final que estes deveriam ter.

Há algo importante a ter em conta ainda, que diz respeito à auto e heteroavaliação dos alunos, esta foi realizada também nas últimas aulas de cada período. Algo bastante importante para ajudar a aferir e para compreender a perceção que os alunos tinham sobre a sua atitude em aula, o seu progresso e evolução, e até sobre o seu comportamento. Os alunos muitas vezes não têm ideia daquilo que são capazes de fazer, e do que efetivamente fazem e é importante ouvi-los. Tal como Carvalho (1994) refere, todas as situações que levem os alunos a apoiar os seus colegas de turma e a receber a ajuda dos mesmos, os processos de heteroavaliação, são experiências que ajudam a regular as suas aprendizagens. É também importante perceber se os alunos estão a conseguir acompanhar o processo de avaliação, que como já referi é contínuo ao longo de todo o período. É então importante ter o momento de auto e heteroavaliação, para podermos não só confrontar a avaliação deles com a nossa, mas também perceber em que medida é que os podemos ajudar a compreender melhor a avaliação.

A avaliação sendo um processo é encarada como um contínuo ao longo do tempo em que devemos envolver os nossos alunos, tendo o professor um papel fundamental neste processo, usando a própria avaliação para motivar e ensinar os alunos.

CAPÍTULO 2 – INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Ser professor é muito mais que dar aulas, e sabendo que um professor deve ser um profissional reflexivo, que procura constantemente o conhecimento, não dando o mesmo como adquirido, esta área torna-se bastante importante na procura de novos saberes e na construção de algo útil para a escola do contexto de estágio.

De acordo com o Guia de Estágio Pedagógico (2017/2018), o projeto de investigação deve centrar-se num problema existente na escola, sendo avaliada a capacidade de diagnóstico e de inovação em contexto escolar por parte do professor estagiário.

Como definido no PF, a **primeira etapa** seria a fase em que temos de encontrar um problema que fosse realmente pertinente e crucial para a comunidade e contexto escolar, algo que não foi tarefa fácil. Começámos por identificar quais os problemas possíveis de estudar/abordar. Isto foi a nossa primeira fase de trabalho, em que o método utilizado foram questionários, aplicados à diretora da escola e ao coordenador do departamento de EF. As principais perguntas eram relacionadas com o que estes pensavam que eram as necessidades da escola/departamento e quais os problemas que necessitavam de ser resolvidos. Depois de recolhidos os dados das entrevistas, e de os analisarmos, tentámos chegar a uma pergunta de partida, para ser o problema encontrado. Os problemas começaram logo nesta primeira fase, em que não havia consenso sobre qual era o verdadeiro problema encontrado. Tentámos compreender se o problema deveria ser identificado em relação ao DEF, e percebemos, através do OE que era exatamente no DEF que iríamos encontrar um problema a ser resolvido. Algo que deveria ter sido feito, com mais cuidado e atenção, seria a realização cuidada e selecionada de perguntas relevantes a aplicar nos questionários que seriam feitos à diretora da escola e ao coordenador do DEF.

Deste modo, e após reflexão com os professores orientadores de escola e faculdade, sendo este também o professor da UC, chegámos à **segunda etapa** optámos pela seguinte questão de partida: **Qual a perceção dos professores do grupo de EF sobre a avaliação da disciplina?**

De seguida, elaborámos um questionário para os professores do grupo sobre esta mesma temática, com diversas perguntas para percebermos o posicionamento de cada professor sobre o tema. Em relação à criação deste questionário, começou novamente por ser um problema, não conseguíamos criar perguntas que fossem adequadas ao publico alvo, de maneira a que estes respondessem de forma anónima, e com base na sua opinião. O questionário foi feito, e refeito várias vezes, algo em que falhámos bastante, pois não demos a devida atenção à criação do mesmo. Após vários contactos

com o OF, percebemos que tínhamos que ir ler alguma bibliografia para nos ajudar na construção do nosso questionário, de maneira ao mesmo fazer sentido.

Penso que, num próximo trabalho de investigação será bastante importante dar relevo a todas as fases de criação do mesmo. É necessária a criação de uma *timeline* de trabalho, com objetivos definidos e datas de concretização.

Depois de definido o problema, chegamos à **terceira etapa**, e decidimos ler artigos científicos sobre a mesma problemática, de forma a verificar o que já existia, e qual era a percepção mais comum. Dividimos pelas duas estagiárias, alguns artigos importantes sobre o tema, para prepararmos a nossa apresentação.

Após uma leitura exaustiva de vários artigos, selecionamos informações uteis que nos podiam ajudar após aplicarmos os questionários na medida em que vamos comparar os resultados com os dados da literatura. Optámos então como instrumentos de investigação, o questionário.

Antes de aplicarmos estes instrumentos, tivemos que os construir e verificar a sua fiabilidade. A construção do instrumento teve várias fases, implicou várias mudanças, tendo sendo visto e revisto várias vezes, como já referido anteriormente.

A criação do questionário foi feita no google docs, o que facilitou o tratamento dos dados, que eram feitos automaticamente após o preenchimento dos questionários pela amostra.

Como última e **quarta etapa**, o objetivo seria a realização de uma apresentação oral, o que não foi possível de concretizar. Algo que falhou redondamente, foi a nossa meta de realização dos objetivos em relação a esta área. Não conseguimos marcar um dia para a apresentação, e para estarem presentes todos os professores do DEF. E também não conseguimos realizar a finalização do trabalho a tempo. Como já referi anteriormente, algo a ter em conta na realização dos próximos trabalhos de investigação, a criação de objetivos definidos com tempo de concretização. É essencial uma boa organização para as coisas correrem como planeado.

Para solucionar o problema, fizemos um documento escrito, com todas as etapas anteriores, nomeadamente a justificação da escolha da problemática, metodologia escolhida, construção dos instrumentos e justificação também da sua escolha.

Este trabalho resultou num documento final com todas as conclusões dos resultados e foi feita uma comparação com as informações já existentes, para verificar se existiam semelhanças ou diferenças com o que já foi estudado.

A conclusão com a realização deste projeto de investigação, foi, que existem diferentes perspectivas em relação a alguns aspetos relacionados com a avaliação em EF no grupo de EF. No entanto, não são diferenças tão preocupantes como tínhamos imaginado, e acaba por haver na maior parte das questões um consenso entre a maioria dos professores inquiridos.

Notamos que há algum apoio das respostas nos PNEF, e no PCEF, sem especificação concreta do que se deveria mesmo fazer, por exemplo, os objetivos de cada área que é avaliada, ou como se concretiza a nota final do aluno.

Ainda assim, conseguimos perceber que a maior parte dos professores segue os PNEF, que é a principal orientação para a EF no nosso País, além disso esperamos que o documento criado, e enviado para todos os professores do grupo, possa ser ainda mais esclarecedor face a algumas das questões colocadas, e a resposta fundamenta às mesmas.

É importante salientar a importância desta área na realização do EP, sendo que nos ajuda a ter um sentido critico sobre algum tipo de problema que possa existir num determinado contexto. E ainda a capacidade de poder resolvê-lo.

Um professor, tem de ser capaz, de muito mais do que dar aulas, e uma lição importante que levo, relata a importância de ser um profissional organizado, com um perfil reflexivo. É em relação a esta área que aponto as principais lacunas na realização do meu EP, que numa instância futura, irá ser muito melhor, com uma maior preparação, com distribuição de tarefas e um melhor planeamento. E para além disso, é necessário na realização de um trabalho de investigação a busca constante de conhecimento, que suporte e fundamente, mais do que as nossas opiniões.

CAPÍTULO 3 – PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

Esta área revelou não só a importância da criação de projetos para o envolvimento da escola com a comunidade, como também proporcionou um ótimo trabalho de coadjuvação entre professores e entre escolas do agrupamento. Ao assumirmos o papel de professores, devemos refletir que as nossas ações, mais do que para servirem para ensinar conteúdos, procuram passar, mensagens, valores, boas práticas. Sendo assim, as diversas atividades concebidas, organizadas e dinamizadas pelas estagiárias estimularam ainda mais as interações entre as estagiárias e os diferentes órgãos escolares, desde o DEF, direção da escola, e escolas do agrupamento.

Desporto Escolar

Esta área é sem dúvida um grande exemplo de como a escola pode ser um dos principais pilares de promoção de atividade desportiva na vida dos alunos, oferecendo um vasto leque de modalidades que os alunos podem praticar. *“O Desporto Escolar integra-se num conceito de maior abrangência que a educação para a cidadania, na medida em que, através dos seus objetivos pretende promover a formação desportiva, aquisição e desenvolvimento de comportamentos, respeito pelas regras, pelos outros e por si mesmo, integração social, bem como desenvolvimento harmonioso e equilibrado.”* (Resende et al., 2014 p.5)

As modalidades que o agrupamento oferece aos seus alunos vão para além das matérias apresentadas na disciplina de EF, de forma a ter uma oferta eclética que permita um variado desenvolvimento do reportório motor e aumento das vivências e cultura desportiva dos alunos. Esta oferta desportiva é bastante importante pois permite aos alunos experimentarem modalidades que possivelmente nunca fizeram e que muitos não têm a possibilidade de praticar fora da escola, o que resulta numa dinâmica muito positiva que envolve muito os alunos, e os aproxima também.

Relativamente à minha participação no desporto escolar, ela foi realizada no núcleo de ginástica.

Nos últimos anos, todos os estagiários têm ficado incluídos nesta modalidade, juntamente com o professor orientador de estágio. Foram sempre criadas condições de forma a potenciar a formação numa matéria que, a maioria dos professores estudantes, se sentem menos preparados. Isto ocorre devido à complexidade de conhecimentos e formas de intervenção que a ginástica exige. Falando por mim, que venho dos desportos coletivos e que sempre os pratiquei, encontrei/deparei-me com uma dificuldade acrescida ao ir participar neste núcleo de DE, sendo uma modalidade muito mais

exigente do ponto de vista físico, e que requer bastante conhecimento a nível da construção de exercícios.

O trabalho, neste núcleo em específico, é realizado tendo por base um objetivo final mais abrangente, que é feito para promover a relação com a comunidade externa através da concretização do Festival de Ginástica da Portela do presente ano letivo.

Para uma melhor atuação em todas estas competências foi, então, realizado o Projeto de Acompanhamento do DE tendo sido caracterizado o seu público-alvo, a organização das sessões de treino, as estratégias a utilizar e calendarizadas as principais atividades do núcleo.

A minha ação assentou ao nível da coadjuvação do planeamento, avaliação e condução do núcleo onde desde sempre privilegiei a criação de um bom clima, mantendo e aumentando a motivação dos alunos para a prática, de forma a criar hábitos para a mesma. Eu e a minha colega fazíamos os planos de aula, com base nos objetivos de cada aluno, e no seu nível. Durante as aulas, a condução do núcleo era feita alternadamente no aquecimento, e ao nível das estações da aula, ajudávamos cada uma numa estação específica e na aula seguinte mudávamos. Foi também minha intenção criar condições para que todos os alunos, de acordo com as suas capacidades e características, ultrapassem as suas dificuldades e valorizem a boa execução técnica e a autossuperação. Para isso, como já referi, tive de fazer algum trabalho de casa, estudando sobre a modalidade, procurando sempre em livros, formas de progressão de exercícios. Esse estudo autónomo foi usado, principalmente, com o propósito de poder estar melhor preparada para a heterogeneidade de níveis de competência gímnica dos alunos que frequentavam o núcleo.

Para todos os nossos 15 alunos que participavam regularmente no desporto escolar de ginástica, a ideia foi de incutir rotinas de treino, como o aquecimento e retorno à calma e a sua importância para a prevenção de lesões que podem provir de uma prática inadequada. Como referi, foi também alvo da nossa atenção a evolução progressiva das aprendizagens, respeitando os diferentes ritmos dos alunos, garantindo o aumento das suas capacidades físicas. Por isso as aulas eram organizadas em grupos de nível que trabalhavam por estações de trabalho.

O núcleo de DE é bastante importante para aplicar a capacidade de observação e o feedback, visto que é um contexto diferente, mais acessível, e fácil de transpor para a aula com a turma em si. Senti que evolui nesse aspeto, embora não o tenha conseguido aplicar totalmente nas aulas de EF. Sendo o contexto de ginástica, um contexto de treino mais individual, foi fácil aperceber-me das características de cada aluno em específico

e ajudá-los a melhorar, no entanto, as suas individualidades foram usadas para criar um objetivo comum, uma coreografia de grupo, que foi apresentada no sarau.

Esta experiência revelou-se muito favorável em todos os aspetos. Praticamente em todas as aulas apareceram novos alunos e de diferentes níveis de aprendizagem, sendo quase todas as aulas um desafio. O facto de intervirmos as duas estagiárias e não ficar somente uma responsável pela aula, permitiu-nos trabalhar mais em grupo, com constante reflexão nas tomadas de decisão, estimulando o espírito de equipa. Refletíamos no final de cada semana sobre as aulas de DE, como estavam a correr, o que conseguíamos melhorar, e por em prática para a apresentação no Sarau, como é que podíamos criar uma aula mais dinâmica, pensando em exercícios novos, e distribuindo tarefas para as aulas seguintes.

Ainda nesta área foram incluídas atividades do PAA da escola, nas quais o NE participou, tais como: o corta-mato, o torneio de basquetebol 3x3, o tribola, o pentatlo e o já referido anteriormente festival de ginástica da Portela.

É então possível descrever e explicar a minha participação em cada uma das atividades:

- no dia da mobilidade ocorreu uma atividade que consistiu em dar uma volta à Portela e Moscavide, de bicicleta, com todo o agrupamento, foi a primeira atividade do ano letivo. Revelou-se uma atividade interessante, em que participei dando apoio aos alunos de 1º ciclo, indo de bicicleta a acompanhar. Foi muito bom, poder prestar o meu contributo para a atividade, sendo que só envolveu a participação no decorrer da mesma.

- no corta-mato participei mais propriamente a acompanhar e a motivar os alunos que participaram da minha turma, o 8º1ª. Senti que podia ter tido um papel ativo na realização de alguma tarefa, mas como não me foi pedido eu não o fiz e também não fui pro ativa nesse sentido.

- no Torneio basquetebol 3x3 desempenhei funções em conjunto com dois dos professores do DEF onde fiquei responsável essencialmente por arbitrar jogos e fazer mesa. Foi uma tarefa que me foi pedida por eu ter conhecimentos nessa área, e já ter praticado basquetebol. Correu bastante bem, tive um papel ativo, e senti-me útil, não houve dificuldades, sendo algo a que já estava habituada a fazer, e a dinâmica foi positiva.

- no Torneio de Ginástica colaborei na montagem do material e na sua disposição pelo espaço durante a fase de preparação, ficando responsável juntamente com a minha

colega de estágio pelo aquecimento inicial de todos os participantes e pela prestação de ajudas em algumas estações de maior risco. Foi uma atividade muito rica, em que a minha participação foi mais no backstage, e funcionou bem, realizei as tarefas que me competiam de forma correta e dinâmica. Num próximo torneio tentaria ter uma atitude ainda mais proativa nas tarefas que fossem precisas.

- no Torneio “*Tribola*” realizei o check in das equipas, fazendo também de mesa, e de árbitro. À semelhança do torneio de basquetebol, arbitrei essencialmente os jogos de basquetebol, o que mais uma vez foi uma tarefa fácil de cumprir.

- no Pentatlo, atividade dedicada única e exclusivamente aos alunos do 2º ciclo, desempenhei funções de controlo, como a ordem de chegada e os tempos realizados pelos vários participantes.

Ação de intervenção

Também no guia de estágio é referenciado que devemos fazer uma ação de intervenção na escola de estágio. Em núcleo, pensámos inicialmente em dar continuidade à ideia da mobilidade vivida como uma atividade no início do ano letivo. A ideia foi criar uma rotina nos alunos do agrupamento em deslocarem-se para a escola de bicicleta, fazendo grupos que partiam de manhã a uma hora combinada do jardim central da Portela (com ajuda dos alunos do profissional de Desporto) e esse “comboio” levaria os alunos até às escolas, e repetia-se ao final da manhã e/ou da tarde, da porta das escolas até ao jardim novamente. O projeto alargava o convite aos encarregados de educação que se quisessem juntar, e ir de bicicleta acompanhando os seus filhos até à escola. Isto porque, quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas (Cia, Pamplin & Williams, 2008)

O projeto foi desenhado com a coadjuvação da professora Patrícia Reino responsável pela turma de 12º do profissional de Desporto, cujos alunos colaboraram neste mesmo projeto.

O projeto foi desenvolvido primeiro com a criação de um mapa do percurso do comboio que iria dar a volta à portela, criando vários pontos possíveis de entrada dos alunos para o percurso e entregando-os às diversas escolas. Da idealização do projeto à concretização do mesmo ocorreram várias questões difíceis de ultrapassar como a formalização final das autorizações, devido à dificuldade em definir dias para a ação.

Isto ocorreu principalmente porque existiam mais atividades do agrupamento em simultâneo que requeriam a participação dos alunos do 12º de desporto, e então foi difícil fazer o ajuste final das datas. Existiram também alguns problemas com a coordenação entre nós, estagiárias e os alunos do 12º de desporto, em relação à distribuição de tarefas, mas acabou por ser ajustado e resolvido, correndo tudo bem.

Balanço do projeto

O balanço da ação realizada em dois dias para o 1º ciclo, e em outros dois dias para o 2º, 3º ciclo e Secundário, correu de forma positiva. No primeiro dia, dia 24 de maio, a ação realizada para o 2º, 3º ciclo e secundário contou com a presença de 6 alunos, é de referir que nesse dia o tempo não ajudou, e estava a chover muito, ainda assim conseguimos levar os 6 alunos com sucesso para a escola, e chegaram a horas de entrar nas aulas.

No segundo dia, realizado no dia 25 de maio, contou com a presença de 80 alunos, muito mais alunos do que nós estávamos à espera, e correu com sucesso, distribuímos os alunos pelas escolas respetivas a tempo e horas.

No terceiro dia, equivalente ao 2º dia do 2º, 3º e secundário, contámos com a presença de 2 alunos, e depois mais 3 que apanharam o comboio, achamos que esta pouca adesão se deve ao facto de os dois dias de realização da ação terem sido informados logo no início e não se ter feito uma nova informação para relembrar do 2º dia da ação. Mas correu tudo pelo melhor.

No quarto dia, equivalente ao 2º dia do 1º ciclo, contámos com a presença de 50 alunos, a diminuição de adesão deve-se ao facto de termos alterado o dia de realização da ação com pouca antecedência, e pode não ter chegado a todos os encarregados de educação, ainda assim foi muito bom, e tivemos um bom número de participantes.

O balanço global desta atividade é muito positivo, principalmente ao nível do 1º ciclo. Ao nível do 2º, 3º ciclos e secundário apesar da pouca adesão, pelo menos passámos a ver mais bicicletas nas baías que se encontram na Escola Básica Gaspar Correia.

A nossa participação em todos os dias da ação foi sempre muito ativa e positiva, realizando sempre o percurso com os alunos, orientando-os e sempre na perspetiva de promover a continuação da realização do percurso casa-escola de bicicleta.

CAPÍTULO 4 – RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Nesta área, o meu objetivo passou por adquirir competências a nível da compreensão da relação escola-meio, isto é, todas as funções que um diretor de turma deve desenvolver. O projeto de acompanhamento do diretor de turma foi elaborado, durante o mês de novembro.

Direção de turma

O diretor de turma assume o papel de ligação com os restantes professores da turma, bem como, a relação escola-casa. No sentido de estabelecer essa mesma ligação, o DT, deve orientar todos os processos relativos à formação dos seus alunos, e assumir um papel de liderança, nomeadamente no CT. (Clemente & Mendes, 2013).

Foi nesta vertente que olhei para a professora DT, do 8º1ª e tentei compreender os papéis que esta desempenhava, no contexto real.

E assim, no que diz respeito à direção de turma, fiquei com a diretora de turma do 8º1ª, professora Susana Machado. Foi-me apresentada na primeira semana de aulas. Trocamos de imediato contactos e fui informada que iria existir uma aula de formação cívica, ainda por colocar no horário que, mal ela soubesse, me diria para eu participar, caso quisesse.

Após a primeira semana, fui informada que as aulas decorreriam à terça-feira e que teria total liberdade para participar, intervir ou até mesmo assumir as aulas sempre que fosse necessário.

Assim, fui praticamente a todas as aulas de formação cívica e foi uma enorme experiência para mim. Os alunos pediam sempre a minha opinião sobre problemas que estavam a ter com outras disciplinas. Também consegui assumir aulas, criando várias dinâmicas de grupo, e inclusive dei aulas com conteúdos, como a alimentação.

Abordei diferentes temas nessas aulas, desde a organização das prioridades, a anorexia, o respeito pelos colegas e professores, a organização da turma nas aulas, os projetos que eles tinham para a associação de estudantes, entre outros. Foi uma experiência bastante positiva, ver a maneira como a turma se comportava em sala de aula, interagir com eles, e sentir que gostavam de saber a minha opinião e queria também o meu apoio, e a minha avaliação sobre os diversos assuntos.

Algo que também me competia fazer, era ter algum tipo de relação com os EE, sendo assim, a principal abordagem realizou-se através do email da turma, que a professora

Susana tem para os pais entrarem em contacto quando quiserem e deixou-me responsável pela gestão do mesmo. Desta forma, muitas vezes tive que entrar em contacto com ela, via informal, para lhe informar que foi contactada e quais os assuntos.

Na reunião intercalar eu fiquei sempre encarregue de inserir os dados das notas dos alunos nas várias disciplinas no ficheiro pretendido, algo que me foi pedido pela diretora de turma. Algo que foi uma tarefa que a diretora de turma achou importante para eu realizar, tendo de estar atenta às notas que todos os professores da turma referiam para cada aluno. Basicamente, algo que eu não sabia como era feito, e que se tornou bastante interessante, foi a reunião de professores da turma. Todos os professores participam ativamente na atribuição das notas de todas as disciplinas, dando a sua opinião sobre os alunos. Os professores não alteram as notas uns dos outros, mas podem dar a sua opinião após ouvir a explicação do professor que fala da sua disciplina. O meu trabalho era após ficar decidida a nota final do aluno, inserir na base de dados do sistema.

Na última reunião intercalar apresentei o estudo de turma, que irei desenvolver de seguida.

Acho que consegui manter uma excelente relação com a diretora de turma, realizando sempre as tarefas que me competiam. Foi uma excelente experiência, muito gratificante, na medida em que consegui compreender que ser DT, tem bastantes encargos, mas ao mesmo tempo conseguimos estabelecer uma melhor relação com os alunos. A nível futuro vou me lembrar muitas vezes da professora Susana Machado, da sua perseverança e calma na liderança da turma, do CT, e das aulas de formação cívica.

O facto de ter assumido as aulas de formação cívica, fez-me assumir uma responsabilidade acrescida, e uma preocupação que tinha em organizar as mesmas semanalmente. O papel do DT é crucial na vida de um aluno, não só para estabelecer a relação e o contacto com os EE, mas também no crescimento dos próprios alunos e na sua visão sobre a escola.

Estudo de turma

Outro objetivo expresso no Guia de Estágio (2017/2018) é “*identificar as principais características da turma, destacando as particularidades sociais e culturais, psicológicas e de aprendizagem dos seus elementos*”. Para isto, para além da ficha de identificação do aluno que a diretora de turma aplicou aos alunos e seus encarregados de educação, apliquei outra ficha complementar, elaborada em núcleo de estágio e aplicada na

primeira aula de educação física e os testes sociométricos, aplicados numa aula de formação cívica, após solicitação à diretora de turma.

Com as duas primeiras fichas, foi possível identificar as nacionalidades dos alunos, onde vivem, necessidades económicas, o seu registo escolar, contactos e habilitações literárias dos pais, disciplinas preferidas e com mais dificuldades, meio de transporte utilizado para a deslocação para a escola, entre outros pontos. Sendo estes resultados apresentados na primeira reunião intercalar a todos os professores do conselho de turma.

Com os testes sociométricos, pude verificar as relações e interações existentes entre os alunos de modo diferente, do que é possível verificar nas aulas de EF. Este tratamento foi apresentado, no 2º período, a todos os professores do conselho de turma, na segunda reunião intercalar, no mês de fevereiro. Os professores agradeceram este trabalho, sendo também útil na organização da planta de sala de aula deles, e também em organização de grupos de trabalho. Para mim, como já referi, os resultados deste estudo foram bastante importantes na organização dos grupos de trabalho, facilitando a organização dos mesmos, de maneira a ter um clima muito mais positivo na aula. Foi também importante na medida em que consegui perceber mais a maneira como os alunos são vistos e até ajudá-los e falar com eles nesse sentido.

REFLEXÃO FINAL

Concluir este relatório de estágio, é concluir mais do que um ano letivo de estágio, é concluir um longo processo de experiências criadas e desenvolvidas de forma muito positiva, que me vão finalmente atribuir o título de mestre.

A realidade encontrada, é uma realidade complexa, dura, mas bastante rica, e que criou uma oportunidade de aprendizagem, que foi sem qualquer dúvida, espetacular. E é no culminar de tudo, que realmente valorizo todo este caminho.

Ao terminar esta etapa, abrir-se-á a entrada num novo ciclo, difícil, com mais responsabilidades, com mais encargos, mais tarefas e algo que levarei sempre comigo é a frase “Não há receitas” do OE Professor Luís Duarte. E de facto, não há mesmo receitas, há conhecimentos, que vamos adquirindo e adaptando consoante o contexto em que vamos estar inseridos. Um motivo pelo qual, a formação continua é bastante importante, e é algo que irei aperfeiçoar sempre, pois é preciso ir conhecendo as melhores ferramentas, para ir podendo realizar um melhor trabalho.

Ao deparar-me com a responsabilidade de assumir uma turma, e ser responsável pela sua aprendizagem, algo que pesa bastante, sim, um professor é responsável pela aquisição de conhecimentos e competências pelos alunos. Como referi no início, segundo Crum (2017), um professor tem de ser um profissional reflexivo, em todas as áreas, que usa mais do que as ferramentas didáticas, mas também se baseia nos valores para perceber quando aplica-las, consoante o seu contexto. Há que perceber a importância de toda a formação e construção de bagagem a ser utilizada na realização do estágio pedagógico, onde é vivida uma situação real de aprendizagem. É a altura em que aplicamos tudo o que aprendemos, e onde podemos realizar experiências e errar, errar no sentido em que, sempre que errarmos, iremos refletir para melhorar, e temos efetivamente margem para fazer melhor.

Ao iniciar este processo, comecei a compreender a complexidade que este exige. Percebi, que um professor tem de ser bem mais do que alguém que está pronto a ensinar os seus alunos. Um professor tem de ser multifacetado, flexível, reflexivo ponderado. Um professor tem de estar pronto a desempenhar qualquer tarefa, seja ela de cariz do planeamento, condução, avaliação ou relacionada com o próprio aluno. Pode ainda ser, sobre o próprio contexto, a direção de turma, algo que se passe na escola, tudo. Há um conjunto de dimensões que nunca nos podemos esquecer e que temos de trabalhar para as coisas funcionarem. Desde o planeamento, e da versatilidade que este

tem de ter, à intervenção pedagógica, toda a nossa instrução, feedback, organização da aula, tudo vai ser crucial no nosso desempenho enquanto bons profissionais.

Existiram mil e uma dificuldades, encontradas em cada passo do processo de estágio, ao nível do planeamento, organização, ter tudo pronto antes de começarem as etapas, foi algo difícil, mas que exigiu esforço e superação.

A capacidade de antecipar, tanto em termos de planeamento, como na condução de aula, prever o que podia ocorrer e ter soluções, são capacidades que fui adquirindo ao longo do ano. Aliada à aquisição de conhecimentos e competências, através dos OE e OF, e também através da reflexão e partilha em NE.

Essas partilhas e reflexões eram bastante produtivas e reflexivas, levando sempre ao encontro de problemas que existiam, a vários níveis e que resultavam sempre na busca continua de soluções que iam acabando por surgir. Conseguíamos sempre identificar problemas que estávamos a ter, tanto a nível da condução do ensino, como ao nível do planeamento, e os orientadores, em conjunto connosco, davam-nos ferramentas, ou ajudavam-nos a criar ferramentas para ultrapassar esses problemas.

A capacidade de olhar para cada aluno, e adaptar o plano e individualizar, no início praticamente não existia. O foco era sempre olhar para os extremos, algo que através do conhecimento da turma, e da observação das suas necessidades, foi aparecendo, e acabou por ser mais direccionado. A própria relação com a turma, ajudou nesse sentido, estabelecendo uma relação de empatia muito positiva, em que os alunos sentiam que eram todos valorizados pelas suas capacidades, sendo elas diferentes.

Além de tudo isso, o trabalho realizado com a DT foi muito rico, conseguíamos falar regularmente, não só sobre os alunos na aula de EF, mas também das outras aulas. O que levava à partilha de ideias e soluções em conjunto. Como por exemplo, lembro-me de arranjarmos uma solução para os conflitos que estavam a existir entre alunos na turma, através da criação de uma dinâmica. Essa dinâmica consistia em escolher um aluno, que em cada semana na aula de formação cívica, vinha ao quadro, e todos falavam um pouco sobre esse colega. Isto ajudava a pessoa a perceber como os colegas a viam, e a própria a encontrar qualidades positivas quando isso era mais difícil. Esta dinâmica ajudou a melhorar a nossa relação professor-aluno e a própria relação entre alunos.

A integração no DEF foi algo que ocorreu também de forma bastante positiva e promoveu um apoio a todo o meu percurso. A diferença na formação inicial dos professores e as modalidades de referência de cada um, revelaram-se essenciais para

o esclarecimento de dúvidas e para a aquisição e conhecimentos. A participação em várias atividades em conjunto e a interajuda foram muito enriquecedoras.

Destaco a intervenção que o NE teve na escola onde foi realizado o estágio, sendo que todos os professores, funcionários e alunos ficaram a conhecer este núcleo pela sua boa disposição, pela participação nas diversas atividades, inclusive no acampamento de final de ano. Uma semana de intervenção junto dos alunos num contexto completamente diferente, de trabalho, diversão e interajuda.

Este ano de estágio, por tudo o que foi aqui relatado, e o que foi vivido, foi uma experiência essencial para a minha formação, intelectual, pessoal e profissional. Algo que caracterizou a minha prestação durante este estágio pedagógico foi, sem dúvida, o entusiasmo que transmi aos alunos, e com que vivo as coisas, algo que quero continuar a vivenciar, colocando em todas as minhas práticas, dedicação, vivência e carinho.

Sem dúvida que ainda existem bastantes aspetos a melhorar, destaco alguns, como; o feedback utilizado, nas várias situações durante a condução de ensino; a utilização de mais e melhores estilos de ensino, aplicados aos diversos contextos e matérias; o estudo autónomo relativo a matérias em que tenha mais dificuldades, de maneira a criar exercícios e dinâmicas mais completos e principalmente a reflexão, que eu concluo com plena consciência que é o principal aspeto em que tenho de melhorar. É necessário refletir, com base em evidências e no trabalho desenvolvido, para evoluir.

Não há duas escolas iguais, nem sequer dois alunos iguais, por isso, o contexto irá ser sempre imprevisível. Só me resta concluir, que irei dar sempre o meu melhor, em qualquer situação. O objetivo será promover sempre a minha formação, de maneira a ser sempre uma profissional ajustada à sociedade, com vários ingredientes, a utilizar da maneira mais correta em cada situação de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, F. (2017). A avaliação e a gestão curricular em Educação Física—um olhar integrado. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (32), 121-133.

Cia, F., Pamplin, R., & Williams, L. (2008). O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 351– 360.

Clemente, F., & Mendes, R. (2013). Perfil de Liderança do Diretor de Turma e Problemáticas Associadas. *EXEDRA, Revista Científica*, (7), 70–85.

Crum, B. (2017). Funções e competências dos professores de EF: Consequências para a formação inicial. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (23), 61-76.

de Carvalho, L. M. D. (2017). Avaliação das aprendizagens em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (10-11), 135-151.

Inácio, G., Graça, M., Lopes, D., Lino, B., Teles, A., Lima, T., & Marques, A. (2015). Planeamento na Ótica dos Professores Estagiários de Educação Física: Dificuldades e Limitações. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, (1), 55–67

Quina, J., da Costa, F. C., & Diniz, J. A. (2017). Análise da informação evocada pelos alunos em aulas de Educação Física. Um estudo sobre o feedback pedagógico. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (12), 9-29.

Ministério da Educação (2001). Programa Nacional de Educação Física: 3º Ciclo do Ensino Básico (Reajustamento)

Mosston, M. & Ashworth, S. (2008). *Teaching Physical Education*. First Online Edition.

Neto, C. (1998). Desenvolvimento motor e constrangimentos sociais: a importância da educação física no contexto escolar. In C.M.O. (Ed.) *A criança, a escola e a educação física* (pp. 920). Oeiras: C.M.O.

Neto, C. (2007). *Jogo na criança & desenvolvimento psicomotor*. Faculdade de Motricidade Humana, Cruz Quebrada: Universidade Técnica de Lisboa.

Onofre, M. (1995). Prioridades de formação didática em educação física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*. 12, 75-97.

Onofre, M. (1996). A Supervisão Pedagógica no contexto da formação didática em Educação Física. In F. Carreiro da Costa, L. M. Carvalho, M. S. Onofre, J. A. Diniz & C. Pestana (Eds.), *Formação de Professores em Educação Física. Conceções, Investigação, Prática* (75-118). Lisboa: edições FMH.

Pereira, P., Carreiro da Costa, F., & Alves Finiz, J. (1998). O pensamento e acção do aluno em Educação Física. (561 -573) Universidade Técnica de Lisboa

Públio, N. S., Tani, G., & Manoel, E. D. J. (1995). Efeitos da demonstração e instrução verbal na aprendizagem de habilidades motoras da ginástica olímpica. *Rev Paulista de Educação Física* 9(2) (111-124).

Rosado, A. e Mesquita, I. (2009) Melhorar a aprendizagem optimizando a instrução. In A. Rosado, & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (69-130). Cruz-Quebrada: Edições FMH.

Tonello, M. G. M., & Pellegrini, A. M. (1998). A utilização da demonstração para a aprendizagem de habilidades motoras em aulas de Educação Física. *Revista Paulista de Educação Física*, 12(2), 107-114

Resende, R., Mendes, C., Lima, R., Pimenta, N., Castro, J., & Sarmento, H. (2014). Desporto escolar: A opinião dos alunos de uma escola cidadina. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1(3), 4-10.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide. (2017). *Projeto Educativo para o quadriénio 2015-2018*. Documento não publicado.

Departamento de Educação Física. (2017). *Projeto Curricular de Educação Física 2015/2019*. Documento não publicado.

Faculdade de Motricidade Humana. (2017). *Guia de Estágio Pedagógico 2017/2018*. Documento não publicado.